Subjetividade na arte de quem pesquisa

As pessoas pesquisadoras do projeto foram convidadas a apresentar trabalhos produzidos durante a pandemia, por meio de fotos, desenhos, textos ou qualquer outro meio.

Retratos-linha do tempo de um isolamento



San Momm*

* Universidade Federal do ABC (UFABC)

DOI: https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1481

Em uma tarde, 13 de março de 2020, uma sexta-feira, estávamos no Laboratório de Planejamento - LaPlan[1] encerrando algumas atividades quando a Universidade Federal do ABC - UFABC suspendeu as atividades por uma semana[2]. Fechando o laboratório naquele final de tarde, até o dia anterior tínhamos tido reuniões e relatos de infecção pelo (ou suspeita de) vírus por diversas pessoas, não tínhamos ideia do que viria a acontecer. Na semana seguinte foi necessário voltar ao Laboratório para buscar materiais e equipamentos, a universidade, as ruas, já estavam vazias[3]. Os dias se converteram em semanas e meses. A rotina foi mudando lentamente e profundamente. A incerteza, surpresa, apreensão foi tomando o lugar da rotina. A vida no confinamento e online foi se tornando rotina.

1 https://laplan.pesquisa.ufabc.edu.br/

2 https://www.ufabc.edu.br/administracao/reitoria/noticias/suspensao-das-atividades-na-ufabc

3 ver seção de Conjuntura desta edição

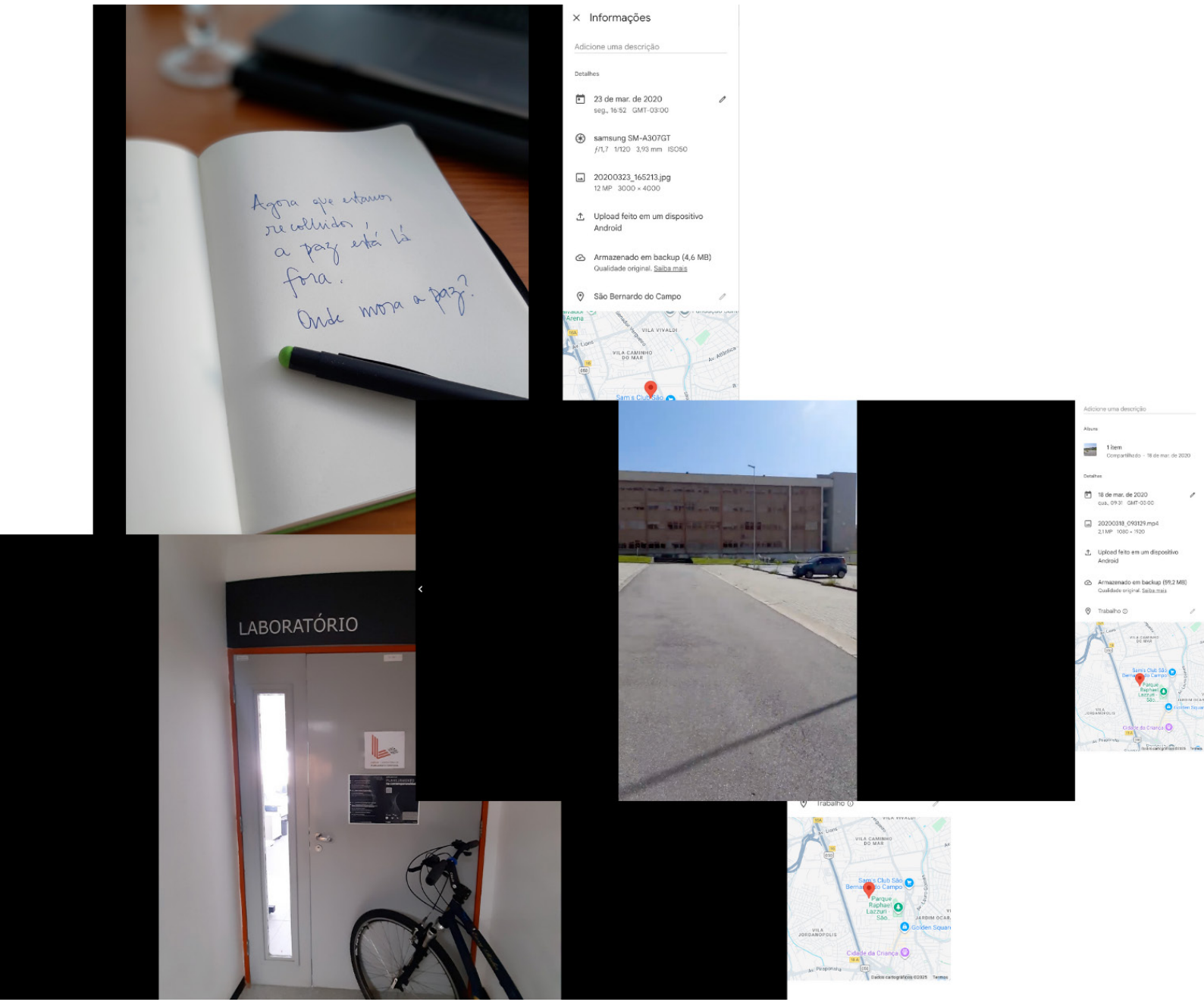


Figura 1. Retratos-linha do tempo de um isolamento

Link para o vídeo: https://www.youtube.com/shorts/k2ym1CCWl0g (link open to the public on 12/08)

Auto escrita



Gabriel Machado*

A pandemia de COVID-19 rompe o fôlego de pelo menos quinze milhões de respirantes. De repente, o sentido passa a conceder importância ao invisível. Em tempos de inegável afeição pela produção cultural, a imagem me ensina: o invisível, muitas vezes, carrega mais poder de mobilização que o material — não acha? Talvez eu me comova com o Domingo de Ramos. Outro instante que exalta o indivíduo como centro da fabricação da verdade. A figura de alguém que atravessa multidões, recebendo ramos para marcar seu caminho antropogênico. Qual caminho devemos seguir? Acredito que o atual clima de inquietude do mundo possa ser um presente. Afinal, ainda não compreendemos plenamente o que significa ficar sem ar. Há algo a ser feito, em meio a tudo isso. O sol já não se vê. A escuridão lentamente se instala. O corpo se aclimata. A produção do ar torna-se mais densa. Já posso sintonizar com o propósito da escrita. O isolamento, neste mundo hiperconectado, é um facto com o qual precisamos lidar. A partir de agora, é como assistir a um filme em um cinema mexicano. Antes de cada sessão, o aviso: "Em caso de terremotos, não entre em pânico. Este cinema está preparado para tremores. Siga as luzes, mantenha a calma e procure um ponto seguro de encontro." E assim começa o seu momento de lazer. A poesia, por sua vez, não oferece tal aviso. A poesia é crua. Não acena antes de atravessar. É ousada, meu amigo. Talvez faça parte da sua necessidade… ou talvez exista para manter unidas as partes. Ela desloca o fluxo da continuidade com ou sem seu consentimento, muitas vezes sem necessidade. Assusto-me com minha capacidade de compreender problemas e ainda assim torná-los companheiros de viagem. Assusto-me — e me assombro — com a mistura de força e intensidade em uma relação que, neste momento, fere mais do que cura. Assusto-me com a frustração de uma amizade sem conflito, reproduzindo valores que levei anos para desaprender. Assusto-me com a facilidade com que me deixo absorver pela dominação. Assusto-me por ser dominado, encurralado, convocado — e ainda assim oferecer minha atenção, minha escuta, minha submissão — com a leveza de quem carrega apenas um punhado de fatos sobre quem sou e por onde andei. Assusto-me como um grão de centeio lançado ao solo arado pelo vento. Assusto-me com o impulso de afirmar, de

* Universidade Federal do ABC (UFABC)

me dedicar a uma relação que, mesmo enquanto me envolve, me estrangula e me ergue a alturas aéreas. Assusto-me por ser tudo isso com meu feixe de responsabilidades afetivas. Assusto-me por ser enganado. Por ser colocado em sacrilégio, na devoção constante de alguém que pode ser facilmente dividido, indexado, trocado por moeda. Assusto-me por me contentar com essa travessia, onde apenas eu falo a língua. E gostei disso. E assim, com ritmo, com reza e um colar no pescoço, a poesia toca o osso. Na sociedade da poesia, o rosto é familiar — como o estilhaço do passado quando ousa se mostrar. A emoção, afinal, era um estado mental. Essas descobertas tornam claro: nosso conhecimento é profundamente moldado pela experiência. Estados emocionais do cérebro podem persistir no tempo. Ao longo da vida, talvez venhamos a conhecer múltiplas existências. E, por fim, as retiradas. De fato, esse é o caminho mais comum. Poucos, porém, têm a chance de vestir outra pele — a **dissidência**.

Retratos de um bordar coletivo



Aline Bezerra Silva*

Durante a pandemia muitas pessoas se viram isoladas e sem saber como lidar com o tempo livre. Neste contexto surgiu a oportunidade de participar da oficina de bordado ofertada pelo Centro de Defesa e de Convivência da Mulher (CDCM) Casa Anastasia com o objetivo de oferecer um espaço para que pudéssemos expressar a criatividade e nos conectar umas com as outras. O bordado se tornou uma forma de terapia criativa e uma maneira de desenvolver habilidades manuais e de concentração, permitindo compartilhar experiências e servindo também como um espaço de apoio emocional onde nos sentimos ouvidas e compreendidas. A oficina foi uma ferramenta fundamental para nosso bem-estar naquele momento.

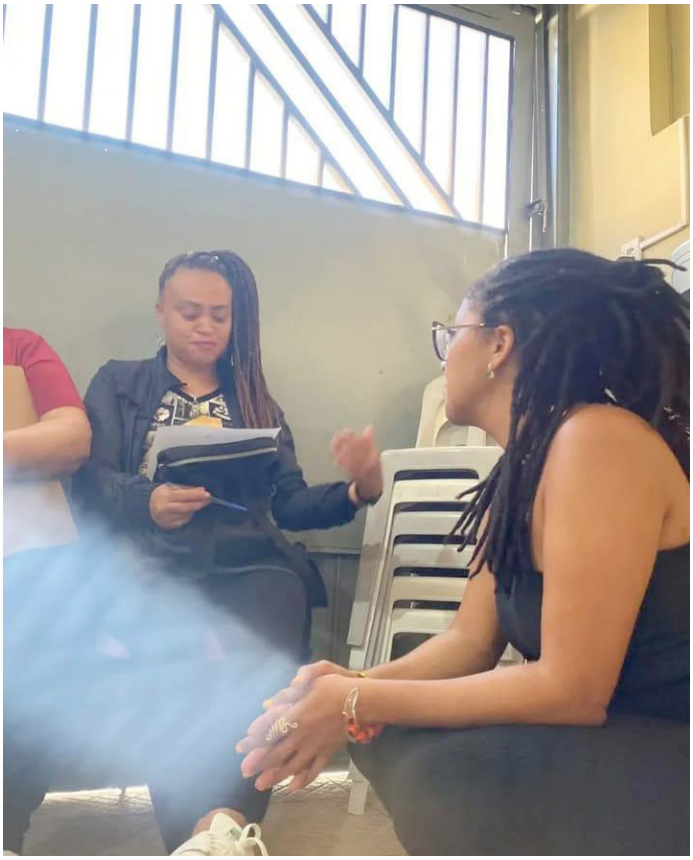
* Universidade Federal do ABC (UFABC)

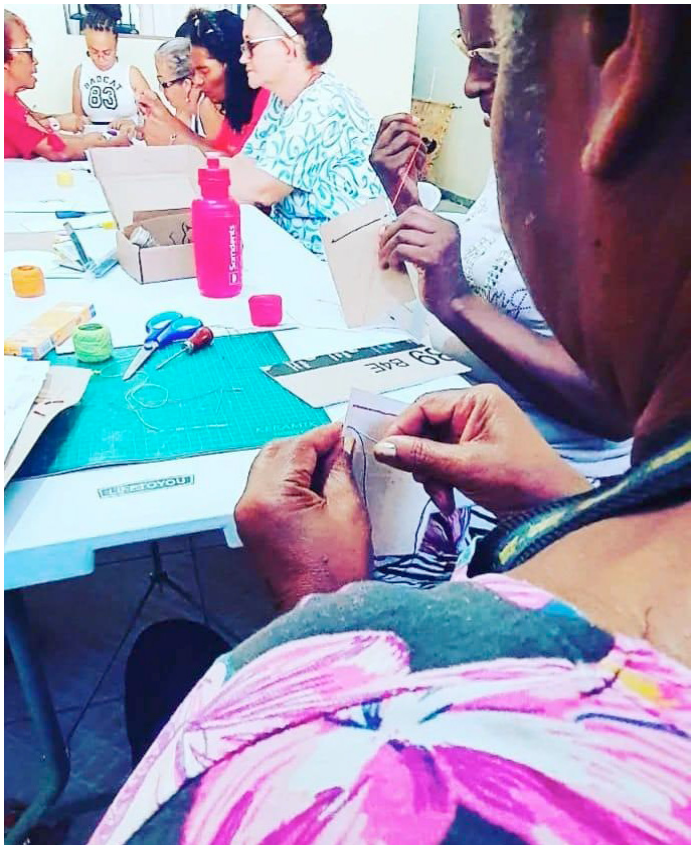














Perto, de longe



Tanja Schnittfinke*

Esses desenhos digitais foram criados durante o lockdown da COVID-19, em um período em que encontrar amigos não era possível. Eles retratam momentos comuns de conexão e amizade - manhãs acolhedoras em um banco tomando café, braços apoiados sobre ombros e caminhando lado a lado - que pareciam inalcançáveis durante o isolamento. Baseadas em fotografias reais, as imagens foram ilustradas digitalmente à mão, simplificando formas e cores, e posteriormente compartilhadas com amigas para lembrá-las do que voltaria a ser.

* TU Dortmund





Representação em Legos



Bradley Rink*

* University of the Western Cape

A miniatura foi feita para mim durante o lockdown pela minha colega da Faculdade de Artes e Humanidades, Dra. Jacolien Volschenk. Ela surgiu após minha participação em uma sessão online intitulada "'Você está aí, estudante?' Criando presença em aula online" e representa o desafio de encontrar e representar minha identidade online no contexto de ensino, aprendizagem e pesquisa que se moveram inteiramente para o ambiente virtual durante o confinamento.

A miniatura me representa de uma forma estranhamente precisa. Como Jacolien observou em nossa comunicação por e-mail: "...o pequeno chapéu inclinado simplesmente pareceu certo, mas não sei se você realmente usa chapéus assim! Espero que sim." De fato, eu uso esse tipo de chapéu e, assim como a figura, também me senti fixo no lugar, limitado como a figura sobre a plataforma.



floresta:brincar



Sophie Schramm*

As crianças ocupam cada vez menos os espaços públicos nas cidades da Alemanha e da Europa. Fatores como a proliferação de parques infantis como locais designados para atividades ao ar livre, a diminuição da proporção de crianças nas populações urbanas da Alemanha e da Europa, as mudanças nas percepções de segurança e adequação, bem como as ofertas cada vez mais diversificadas e atraentes de aprendizado e brincadeiras virtuais, contribuem para que menos (e menos) crianças passem tempo nas ruas e áreas verdes das cidades sem a companhia de adultos. No momento da pandemia, as crianças passaram a ser amplamente enquadradas como portadoras do vírus da COVID-19, e as medidas relacionadas concentraram-se em conter seus movimentos e seu contato com outros adultos ou crianças.

Nas cidades alemãs, nas semanas iniciais e altamente incertas da pandemia, os parques infantis ao ar livre foram interditados para evitar a disseminação da doença por meio do contato próximo entre crianças durante suas brincadeiras. Mais tarde, quando se constatou que o contato ao ar livre, se não muito próximo, era pouco provável de espalhar o vírus, os responsáveis pelas decisões admitiram que essa medida provavelmente não havia sido produtiva, especialmente porque limitava ainda mais as já escassas possibilidades de as crianças aprenderem ou brincarem, em razão do fechamento de escolas e creches. Na Alemanha, tornou-se amplamente reconhecido que as crianças suportaram o peso das restrições da pandemia, já que escolas e creches permaneceram fechadas por um longo período. Suas restrições, pode-se argumentar, serviram principalmente à proteção de adultos e idosos. Vozes críticas mencionando os problemas de saúde mental das crianças e adolescentes e outros custos de longo prazo do acesso extremamente limitado à educação e às redes sociais só foram ouvidas no período posterior à pandemia.

Ainda assim, em vez de focar nas consequências adversas da pandemia de COVID-19 e das medidas relacionadas (independentemente de terem sido consideradas adequadas ou não), esta contribuição destaca a possibilidade de surgirem espaços de criatividade e apropriação quando as rotinas cotidianas são interrompidas e as atividades, restringidas. Quando a creche de nossos filhos fechou em fevereiro de 2020 e encontramos os parques infantis interditados, já não conseguindo permanecer em nosso apartamento, nossos

* TU Dortmund

passeios de bicicleta pela cidade nos levaram à floresta nas bordas urbanas. Entramos na floresta e, em pouco tempo, nossas crianças começaram a construir estruturas com troncos e galhos das árvores ao redor. Ao prender galhos maiores nos troncos e galhos menores nos maiores, construíram uma estrutura semelhante a uma tenda (Figura 1).

A uma certa distância, vimos outros grupos de crianças e adultos passando tempo na floresta, brincando com lama, folhas, galhos e árvores, alguns deles construindo estruturas mais ou menos elaboradas. Uma curta caminhada pelas florestas próximas de Dortmund, a cidade onde vivemos atualmente, revela várias estruturas semelhantes, às vezes bastante grandes e complexas, por vezes desocupadas, por vezes ocupadas por grupos de crianças (Figuras 2 a 4).

A COVID-19, com as medidas restritivas que desencadeou, acelerou esse brincar na floresta. Apesar dos muitos impactos nocivos da pandemia, especialmente sobre crianças e adolescentes, essas estruturas nos lembram que mesmo momentos precários podem conter potencial para a criatividade, o brincar e novas formas de apropriação dos espaços (urbanos) - por crianças e adultos igualmente - para além daqueles explicitamente designados para um determinado grupo ou atividade.







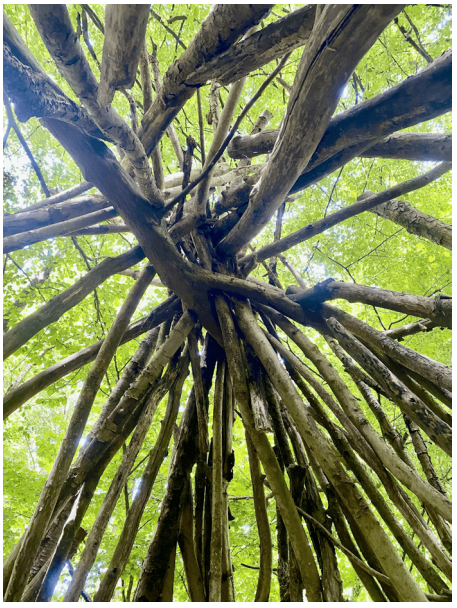


Figura 1. Estrutura em árvore criada pelos meus filhos em fevereiro de 2020

Figura 2. Estrutura em árvore em Dortmund

Figura 3. Estrutura em árvore em Dortmund

Figura 4. Detalhe da estrutura em árvore em Dortmund